

Sustentabilidade e valorização da terra e sua relação com o batismo dos assentamentos rurais em Sergipe

Sustainability and valorization of land and its relationship with the baptism of rural settlements in Sergipe

Robson Santos Silva

Universidade Federal de Sergipe, Brasil

<https://orcid.org/0000-0001-9007-9581>

robsonlatim@gmail.com

Resumo: Este artigo faz um recorte da Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras, de Robson Santos Silva – A Toponímia dos Assentamentos Rurais em Sergipe: Denominação, memória e ideologia, que teve por finalidade analisar as relações ideológicas e identitárias presentes nas motivações toponímicas de batismo dos Assentamentos Rurais de Reforma Agrária em Sergipe. Partindo de uma análise de base crítica, isto é, centrada na subárea da Toponímia Crítica, o estudo pretérito evidenciou as formas pelas quais linhas ideológicas dentro do pensamento do movimento campestre estão presentes na formação lexical dos nomes dos assentamentos. Para este estudo, os nomes estudados foram agrupados em Campos Motivacionais conforme Silva, 2024, e analisados com base nos estudos de Toponímia Crítica (Berg, L.; Vuolteenaho, J, 2009 e Rose-Redwood; Aldernan, 2011). Para tanto, foi importante a noção de topofilia apresentada em Tuan, 2012, além de outros conceitos. Partindo do Campo Motivacional da Topofilia, este trabalho traz os nomes dos Assentamentos Rurais cuja motivação para o batismo parte de uma relação entre o homem e o lugar ocupado, tendo como fio condutor o sentimento advindo do cultivo da terra a partir de uma consciência de sustentabilidade promovida pela topofilia – ação de afeição ao lugar habitado. Sendo um desdobramento da dissertação supracitada, este estudo objetiva também ampliar as ideias presentes na referida dissertação de origem do artigo, bem como contribuir para os debates acerca da sustentabilidade ambiental promovida pelo trabalhador rural, tendo em vista o reflexo desta ação na denominação dos lugares, uma vez que o estudo evidencia a forma como as noções de afeição à terra e sustentabilidade ambiental se materializam no léxico denominativo de lugar.

Palavras-chave: topofilia, valorização da terra, sustentabilidade ambiental, assentamento rural

Abstract: This article is an excerpt from the Dissertation presented to the Postgraduate Program in Letters, by Robson Santos Silva – The Toponymy of Rural Settlements in Sergipe: Denomination, memory and ideology, which aimed to analyze the ideological and identity relations present in the toponymic motivations for the naming of Rural Settlements of Agrarian Reform in Sergipe. Starting from a critical analysis, that is, centered on the subarea of Critical Toponymy, the previous study highlighted the ways in which ideological lines within the thought of the peasant movement are present in the lexical formation of the names of the settlements. For this study, the names studied were grouped into Motivational Fields, according to Silva, 2024, and analyzed based on the

studies of Critical Toponymy (Berg, L.; Vuolteenaho, J, 2009 and Rose-Redwood; Aldernan, 2011). To this end, the notion of topophilia presented in Tuan, 2012, was important, in addition to other concepts. Based on the Motivational Field of Topophilia, this work presents the names of Rural Settlements whose motivation for naming comes from a relationship between man and the place occupied, having as a guiding thread the feeling arising from the cultivation of the land from an awareness of sustainability promoted by topophilia – an action of affection for the inhabited place. Being an offshoot of the aforementioned dissertation, this study also aims to expand the ideas present in the aforementioned dissertation from which the article originated, as well as to contribute to the debates about environmental sustainability promoted by rural workers, considering the reflection of this action in the naming of places, since the study highlights the way in which the notions of affection for the land and environmental sustainability materialize in the lexicon of place denomination.

Key-words: topophilia, place appreciation, environmental sustainability, rural settlement

Introdução

A ocupação humana de lugares é sempre marcada pelas relações que o homem realiza neste ambiente. A denominação do lugar ocupado, nesse sentido, está entre as relações mais singulares. É muito comum que o ser humano tenha a necessidade de nomear o lugar onde se fixa com o intuito de gerar uma sociedade. Essa nomeação, por vezes, é composta por palavras que imprimem algum valor ideológico que compõe o *modus vivendi* da população que habita tal lugar. Esse valor ideológico pode ser analisado e descrito pela Toponímia, subárea dos estudos lexicais que estuda os nomes de lugares.

Contudo, tradicionalmente, a Toponímia se debruçou sobre a análise dos nomes de lugares partindo do léxico para a compreensão das motivações. Por este viés, a índole da denominação poderia ser apreendida primeiramente pela observação do nome do lugar para na sequência partir para uma análise das implicações que este nome suscitava. Então, um lugar denominado, por exemplo, Assentamento Cruiri (nome de uma planta), era comumente classificado como um filotopônimo, taxa da Toponímia Tradicional que denomina dos lugares cuja índole denominativa é vegetal.

Precursora da sistematização dos estudos toponímicos no Brasil, Dick (1998) já evidenciava que nem sempre a motivação toponímica está explícita no nome do lugar, pois as relações culturais e ideológicas podem agir para o apagamento de discursos. Para Dick (1998), em muitos casos é fundamental que se analise o interior do nome, ou seja, o contexto sócio-histórico e cultural de criação de um nome. Dessa forma, Dick (1998)

antecipava uma vertente dos estudos toponímicos que emergiria no início do século XX – a Toponímia Crítica, subárea dos estudos toponímicos que parte do contexto de formação de um léxico para a compreensão de suas motivações.

O objetivo deste artigo, portanto, é descrever os topônimos dos Assentamentos Rurais de Reforma Agrária em Sergipe que trazem em sua denominação traços ideológicos ligados à valorização da terra e sustentabilidade, seja por ações de topofilia¹ (afeição com o ambiente no qual se edificou um acampamento e posteriormente um assentamento) ou topofobia² (quando a afeição pelo lugar é superior aos momentos ruins vivenciados durante a ocupação de um lugar).

Esta parte da pesquisa original se justificou pela ausência de trabalhos que evidenciassem a importância da terra e a sustentabilidade ambiental como fator crucial no batismo do lugar, ou trabalhos que fizessem a ligação desse fenômeno com a ideologia do movimento camponês. Sendo a gênese de um assentamento rural, a ocupação de um lugar – um imóvel improdutivo – e a consequente ação de manejo da terra neste lugar, é natural que a terra desempenhe papel crucial na vida dos habitantes desses acampamentos (futuros assentamentos).

Revisão de literatura

O interesse humano pelo estudo dos nomes próprios é antigo e remonta à obra *Crátilo*, de Platão. Contudo, a Onomástica, subárea dos estudos lexicais que estuda os nomes dos lugares – e que por sua vez pode ser majoritariamente dividida em Antroponímia, estudo dos nomes de pessoas; e toponímia, estudo dos nomes de lugares – teve seu objeto de estudo e sua metodologia sistematizada no século XIX. No Brasil, essa sistematização é ainda mais tardia e remonta à segunda metade do século XX, quando a linguista brasileira Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick publica a sua tese de doutoramento, que trazia uma proposta de sistematização para os trabalhos que já existiam no Brasil há bastante tempo.

Todavia, embora no Brasil e no mundo tenha se feito, desde a sistematização dos estudos toponímicos, a análise de nomes de lugares que partisse do léxico para a compreensão das motivações. Não tardou para que outra forma de pensar o signo

¹ O conceito de Topofilia tem origem na obra *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, de Yu-fu Tuan (2012).

² O conceito de topofobia utilizado aqui tem origem na obra *Paisagens do medo*, de Yu-fu Tuan (2006).

toponímico – que dá nome ao lugar - também fosse adotada, ou seja, a metodologia que partia da análise do contexto de produção do nome para o entendimento de suas motivações intrínsecas. Assim, a Toponímia Crítica emerge nos estudos lexicais no início do século XXI, tendo a obra *Critical Toponymy*, de Berg, L. e Vuolteenaho, J., publicada em 2009, como a reivindicadora do título de primeira obra a trazer uma coletânea de textos que traziam estudos críticos do signo toponímico.

De acordo com Silva (2024), esta mudança acompanhou a inclinação da Geografia Física para a Geografia Crítica. Sendo a Geografia e a Toponímia duas áreas que têm objetos de estudo mais ou menos em comum, ou que pelo menos trazem uma forte ligação (o lugar e seu nome), é natural pensarmos que as mudanças de metodologias e perspectivas dos estudos geográficos tenham significado mudanças de naturezas similares para os estudos toponímicos.

No início do século XXI a Toponímia verifica, alinhada à preocupação da Geografia Crítica desenvolvida nos Estados Unidos, a necessidade de uma abordagem de mesma natureza para os estudos dos nomes de lugares. Rose-Redwood e Aldernan (2011: 3) assinalam “um conjunto de mudanças epistemológicas na Geografia e nas demais ciências humanas, sobretudo a partir da década de 1960, culminando nas viradas culturais, espacial e linguística”. Esta mudança epistemologia será a desencadeadora de uma mudança metodológica dentro das ciências humanas, sobretudo na Geografia, com vista ao trabalho de análise crítica. Assim, conforme Zanatta (2022), o diálogo entre a Toponímia e a Geografia passou a “privilegia[r] questões simbólicas, discursivas e políticas, além de incorporar questões teórico-metodológicas de outras áreas, como a Linguística e a História”. (Zanatta, 2022: 325).

Surge, então, uma nova área dentro da Toponímia que investigava os nomes de lugares levando em consideração questões extralingüísticas como as relações de poder, as relações simbólicas, questões identitárias e ideológicas, entre outras. Essa nova área, a Toponímia Crítica, surge no interior da Geografia e passa a nortear os trabalhos de análise de lugares nos Estados Unidos. A toponímia feita ali irá englobar para si as metodologias apropriadas pela Geografia Crítica.

Em 2009, conforme já citado, é publicada a primeira obra que reivindica para si a gênese do termo Toponímia Crítica – *Critical Toponymies*, de Jani Vuolteenaho e Lawrence D. Berg – que tem por objetivo “mostrar que levar a linguagem a sério pode

aproximar o material e o discursivo em uma relação produtiva” (Vuolteenaho; Berg, 2006: 15). Nessa obra, os autores ressaltam a revitalização pela qual os estudos toponímicos passaram:

os capítulos deste volume também representam uma vitrine de pesquisa toponímica ‘crítica’ recentemente revitalizada, trabalho que estende um campo que tem sido tradicionalmente caracterizado pela inocência política para dizer o mínimo, este trabalho crítico mais recente sobre nomeação de lugares baseia-se em teorias sociais e culturais recentes que ajudam a entender o caráter sempre carregado do poder de nomear lugares. (Vuolteenaho; berg, 2016: 15, tradução nossa).

De acordo com Light e Young (2015), essa nova orientação dos estudos toponímicos tem a atenção voltada para os estudos dos nomes de lugares como “pistas para as marcas de culturas passadas na paisagem e para a compreensão da cronologia” (Light; young, 2015: 436-437, tradução nossa).

Para Redwood e Alderman (2011, p.3), a abertura de caminhos por um viés crítico aumentou as possibilidades de investigação de questões políticas envolvendo os nomes de lugares. Embora esses autores prefiram o termo *Toponímia Política*, reconhecem que havia uma necessidade de se “avaliar criticamente a mercantilização dos direitos de nomeação de lugares como parte de uma crítica mais ampla dos espaços do neoliberalismo”.

As observações das políticas internacionais realizada por Redwood e Alderman (2011:3) revelam em seus trabalhos tentativas de neutralização política e ideológica na nomeação de lugares por setores administrativos dentro dos Estados Unidos e fora (nas ações na África, por exemplo). Essa tentativa de neutralização ideológica a partir do batismo de um nome de lugar chamou a atenção dos estudiosos da toponímia, ampliando a agenda de questões com as quais a Toponímia Crítica investigava.

Light e Young (2015:437-438) nos traz uma série de questões temáticas que irão compor a agenda inicial de investigação da Toponímia Crítica: (i) questões de Governabilidade nos Centros Urbanos – que se configuram em “uma abordagem (que) se concentrava no papel de nomear lugares urbanos dentro de práticas da governabilidade moderna” (Light, D.; Young, C., 2015: 437, tradução nossa); (ii) questões que envolvem a Memória e Comemoração nos espaços geográficos – que se configuram em “uma agenda interdisciplinar mais ampla que se concentra na memória e comemoração” (Light, D.; Young, C., 2015: 437, tradução nossa); (iii) questões que envolvem a Renomeação

dos Espaços e Criticidade – que se configuram como estudos críticos de nomes de lugares para as ações de “renomear a paisagem urbana em tempos de mudança política radical para que esta esteja de acordo com as aspirações políticas e agenda do novo regime”(Light, D.; Young, C., 2015: 438, tradução nossa); (iv) questões que envolvem a Relação entre Nomeação e a dimensão econômica – que se configuram pela discussão das “dimensões econômicas das práticas de nomeação e ligando-as ao contexto socioeconômico mais amplo”(Light, D.; Young, C., 2015: 438, tradução nossa); e (v) questões que envolvem a Relação de Poder marcado pela contestação/aceitação das denominações dos espaços – que se configuram pela investigação de alguns trabalhos com abordagem de estudos focada na política de “contestação da nomeação de lugares” (Light, D.; Young, C., 2015: 438 tradução nossa).

Na mesma perspectiva, Faggion (2013: 12) nos revela que “os estudos sobre toponímia no Brasil também apontam a presença de ideologias”. Dick (1998) já evidenciava a necessidade de investigação de aspectos interiores e ideológicos ao signo toponímico. No artigo *Nomes como marcadores ideológicos*, Dick destaca que, no ato denominativo, “ocorrem os interditos de marcas, cujas causas originam-se nos próprios costumes e hábitos do grupo, definidores da macrovisão de sua cultura.” (DICK, 1998: 92). Nesse artigo, Dick explicita que as formas denominativas trazem “traços ideológicos não diretamente percebidos”, mas cuja análise do léxico pode vir a revelar (DICK, 1998: 99).

Assim, podemos evidenciar no Brasil a existência de alguns trabalhos toponímicos de base crítica, seja pelo objeto de investigação ou pela metodologia aplicada na análise dos dados. Pelo objeto, por analisar o nome de lugares onde claramente há questões de poder e ideológicas que interferem na motivação para as nomeações ou pela aplicação de uma abordagem mais crítica ainda que no espaço analisado não fique evidente a existência de tais quesitos.

Podemos então sintetizar a agenda temática sobre o que se tem investigado no Brasil com uma afinidade com a Toponímia Crítica:

- Estudos gerais que tratam da investigação das relações de poder envolvendo as comunidades das quais são analisados os nomes denominativos de lugar;
- Estudos sobre judicialização de questões que envolvem a nomeação/renomeação de espaços públicos pela esfera política brasileira;

- Estudos que versam sobre a nomeação não usual ou paralela para os lugares.

Dessa forma, desde a década de 1990 que Dick preconizava a necessidade de investigações ideológicas entorno do signo toponímico, ao passo que, sobretudo nos Estados Unidos, mas em todo o mundo, a partir da década de 1960, e de forma mais acentuada nas duas décadas seguintes, viu-se o florescimento da mesma concepção. Esses estudos sejam fora ou dentro do Brasil nos mostram que a análise de um topônimo não poder ser ingênua ao ponto de acreditar que o signo toponímico é acidental ou politicamente neutro: pelo contrário, devemos sempre entender que o signo toponímico é um signo ideológico e marca tensões de micro e macro poder, cuja relação ocorre no espaço físico, no espaço discursivo e no foro legal.

Quanto ao espaço geográfico do qual se extrai os nomes que compõem o nosso corpus, pouco tem sido pesquisado em nível de análise linguística. A Tese de Doutorado de Sebastião Leal Ferreira Vargas Netto, *A mística da Resistência: culturas, histórias, e imaginários rebeldes nos movimentos sociais latino-americanos* (2007) e os diversos artigos que a tese deu origem trazem uma pequena abordagem linguística acerca da ideologia presente nos nomes dos assentamentos rurais, mas figuram-se entre as poucas produções a respeito dos Assentamentos Rurais de Reforma Agrária com esta temática em seu interior. Além disso, a linguagem não é foco principal de sua análise, e o pouco espaço reservado aos dados linguísticos acaba sinalizando a necessidade de pesquisas que ampliem o que é ofertado, em seu trabalho, quanto à análise dos signos toponímicos presentes nesses espaços. A leitura da tese de Doutorado de Cezar Alexandre Neri Santos, *Toponímia em Sergipe: descrição e análise* (2019) revela que algo similar ocorria no espaço sergipano: a falta de pesquisas linguísticas acerca dos assentamentos rurais sergipano foi uma das razões pelas quais optamos por apresentar na ocasião ao Programa de Pós-Graduação em Letras da UFS uma pesquisa que versasse sobre a análise toponímica desses lugares. Assim, nossa pesquisa gerou uma contribuição ao oferecer uma análise crítica sobre os nomes desses espaços sociais ocupados pelo movimento camponês no Estado de Sergipe. No doutorado, nosso objetivo é continuar contribuindo com análises linguísticas toponímicas que busquem aspectos ideológicos característicos dos signos toponímicos dos assentamentos rurais presentes nos demais estados brasileiros. Havendo a carência de trabalhos dessa natureza, acreditamos que nossa pesquisa irá fornecer uma contribuição significativa que possa ajudar a diminuir a lacuna existente de pesquisas linguísticas sobre esse povo e suas realizações sociais.

Metodologia

Para a realização deste trabalho de pesquisa, algumas etapas foram consideradas. A seguir, descrevo cada uma delas.

Coleta de Dados

Embora os bancos de dados em estudos toponímicos tenham se expandido nos últimos anos, englobando desde documentos jurídicos, a obras ficcionais e não ficcionais, suportes multimodais, relatos orais, dentre outros, esta pesquisa tem como dado primário a planilha do Ministério do Desenvolvimento Agrário, em sua versão mais atual (31 de julho de 2024), obtida através do endereço eletrônico: <https://www.gov.br/incra/pt-br/assuntos/reforma-agraria/assentamentosgeral.pdf>, (disponíveis nos formatos Os dados deste mapa se apresentam nas extensões *.pdf* e *.xml*), por isso nossa pesquisa é considerada como de base secundária, visto que “utiliza dados de pesquisas já divulgadas” (Paiva, 2019: 11).

Desta planilha, foram retirados os nomes dos 236 assentamentos rurais, a numeração das portarias de desapropriação das terras improdutivas e a numeração das portarias de criação dos assentamentos rurais para posterior identificação destas no Diário Oficial da União e/ou dos Estados.

Seleção e Fontes de Pesquisa

Nessa fase consideramos materiais de uso para a análise da sócio-história dos assentamentos rurais, tais como teses, livros, matérias jornalísticas e dissertações a respeito de assentamentos rurais, reforma agrária e questão da terra no Brasil. Após a leitura desses materiais foi possível fazer a classificação dos topônimos seja em Campos Motivacionais, conforme pesquisa de Silva (2024).

Codificação

Entendida como a fase de separação dos dados coletados, a nossa codificação exige ser feita após as leituras e análises das fontes secundárias para a pesquisa, uma vez que a adoção de uma análise em Toponímia Crítica exige essa especificidade por parte do pesquisador. Dessa forma, procedemos com a montagem dos quadros analíticos e esquemas de análises na fase de codificação. Nessa fase também será definido se utilizaremos os Campos Motivacionais conforme feito na pesquisa de Mestrado ou se

proporemos uma taxonomia própria para este fim. Em todo caso, nessa fase voltaremos a fazer uso do esquema adaptado de Henriques (2018)³ que possibilitou anteriormente a identificação das linhas ideológicas e consequente identificação dos Campos Motivacionais.

Dentro da Codificação seguimos as tradicionais fases:

Codificação aberta – fizemos a segmentação das informações encontradas durante a seleção e leitura dos materiais secundários de análise;

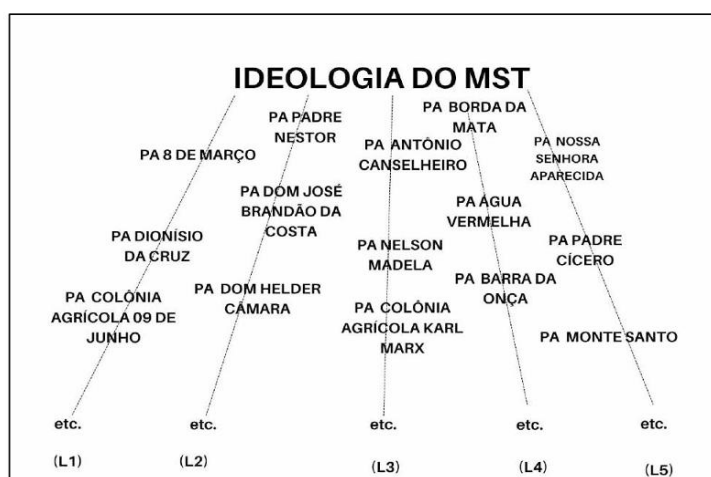
Codificação axial – procuramos identificar semelhanças entre os topônimos analisados e identificar categorias e subcategorias;

Codificação Seletiva – na qual procuramos unificar as categorias ou subcategorias em torno de uma categoria principal.

Descrição do Caminhos Metodológicos

Para o agrupamento dos nomes dos assentamentos rurais foi necessário o estudo da formação desses lugares. A história de cada assentamento mostrou similaridades entre os nomes escolhidos para seus batismos. Para auxiliar nessa tarefa, fizemos uso do Esquema de Linhas para criar campos associativos de palavras, conforme Henriques (2018):

Figura 01 – Campos de Associação de Palavras



³ A obra em questão é *Léxico e Semântica: estudos produtivos sobre palavra e significação*, de Cláudio Cezar Henriques, 2018.

Fonte: Silva (2024), a partir do modelo de Henriques (2018)

Com base nas linhas associativas, percebemos que elas configuravam parte de um pensamento da ideologia do movimento camponês ao se mostrar sempre em linhas tangentes aos ideais defendidos por esta classe – a saber, a igualdade social. A partir desta constatação, Silva (2024) elabora a Teoria dos Campos Motivacionais: campos de associação das palavras contidas nos nomes dos Assentamentos Rurais de Reforma Agrária. O que une cada grupo de palavras, ou Campo Motivacional, é a similaridade entre os nomes, que sempre reforçam determinadas linhas do pensamento do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST.

Os Campos Motivacionais identificados para os nomes dos assentamentos rurais em Sergipe são: Campo Motivacional da Topofilia⁴ (-fobia), Campo Motivacional da Memória e da Identidade e Campo Motivacional da Religiosidade e da Fé, entre os quais este artigo se debruça apenas sobre o primeiro.

Após o estudo da formação dos assentamentos, procuramos entender, as razões pelas quais os nomes do Campo Motivacional da Topofilia (-fobia) se diferenciavam dos demais nomes pertencentes aos outros campos motivacionais, bem como as razões para haver tantos batismos de assentamentos que traziam em seu léxico similaridades motivacionais.

Para entender essa situação, mais uma vez foi necessário recorrer à sócio-história de formação dos assentamentos rurais. A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 184 esclarece que “Compete à União desapropriar por interesse social, para fins de reforma agrária, o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social”. Assim, o processo de ocupação de uma determinada terra improdutivo tem início quando o movimento camponês identifica algum lugar que descumpra o que preza a nossa Carta Magna. Uma vez identificado este lugar, monta-se um acampamento, ora no interior deste imóvel, ora nos arredores ou estradas próximas, em uma ação que visa sinalizar ao poder público a existência de terras que descumprem sua função social e a existência de trabalhadores rurais sem terra que necessitam de um pedaço de terra para plantar.

⁴ O nome deste Campo Motivacional é motivado pela percepção da afeição com o lugar presente nos acampamentos que virão a ser assentamento rural, conceito este que na obra de Tuan (2012) é trabalhado com o nome de Topofilia.

Ocorre que esse processo é lento e conflituoso. Se por um lado o trabalhador rural, que antes não possuía terra alguma, encontra um lugar onde poderá plantar para tirar sua subsistência e vender o excedente; por outro, em muitos casos existe violência contra os ocupantes por parte dos proprietários por desconhecer a lei ou por achar que há alguma irregularidade nas ações de ocupação. Dessa forma, é preciso entender que a relação do homem com a terra, dentro da luta pela Reforma Agrária, tem início deste que a primeira lona é erguida e a primeira terra é semeada.

Como o caminho deste a ocupação até o sonhado assentamento é lento, a afeição com a terra tende a se tornar maior. Por isso, para Tuan (2012) a topofilia se caracteriza pela ligação afetiva entre o homem e o meio ambiente. E como esses agricultores vivenciam bons e maus momentos – quase sempre pela violência – nesses lugares, Tuan (2006) nos esclarece que a topofobia se caracteriza pelo medo que ocorre em função do que se pode encontrar no lugar. Assim, essas duas faces coexistem na vida do assentado durante todo o processo que vai deste a identificação da terra improdutiva até a criação do assentamento por força legal.

Acreditamos que há uma ligação entre os sentimentos de afeição com o lugar (topofilia), bem como com os sentimentos resultantes dos perigos vivenciados no lugar (topofobia) e o batismo deste espaço. Se por um lado, o fato de a fazenda improdutiva/terra improdutiva ter servido para tirar o camponês da miséria, dando-lhe moradia, pode pesar para que o nome do futuro assentamento venha a ter o mesmo nome da terra que serviu de amparo ao trabalhador rural; por outro lado, também é provável que haja qualquer modificação no nome, devido aos momentos ruins vivenciados no lugar. Em ambos os casos, contudo, prevalece a topofilia, tendo a topofobia o papel de fazer uma leve mudança no nome do futuro assentamento rural.

O esquema abaixo mostra a trajetória de um acampamento até se tornar assentamento. Nele é possível visualizar de forma mais clara como a relação com a terra vai



aumentando a medida que as forças legais demoram para efetivar o que está explícito da constituição.

Figura 02 – Etapas da Formação de um Assentamento Rural

Fonte: (Silva, 2024)

Outra forma de entender a relação do homem do campo com a terra nos é dada pela psicologia através da aplicação do estudo da Pirâmide de Maslow⁵. Este conceito pode ser entendido como a existência, nas ações humanas, de necessidades que são prioritárias. Assim, o ser humano age primeiramente para sanar necessidades básicas e somente à medida que algumas necessidades são atendidas é que passamos a agir no intuito de novos objetivos. A Pirâmide de Maslow, logo, nos ajuda a entender porque a terra é tão importante para o movimento campesino. Se entendermos que os ocupantes de um assentamento são pessoas que já não viam outra forma de possuir terras e sobreviverem que estes ao descobrir que por lei têm direito a ter para si uma terra que descumpra sua função social, chegaremos à conclusão que o lugar (que retirou o homem do campo da miséria) terá forte influência no seu modo de pensar e de agir. Da mesma forma, entendemos que a ocupação da terra e a luta ocorrem porque há uma necessidade básica – a sobrevivência – que é mais urgente que a defesa da bandeira da igualdade social, por exemplo. Daí, a existência de assentamentos que trazem em seu léxico o nome da terra ocupada de origem.

Figura 03 – Pirâmide das Necessidades de Maslow

⁵ A Teoria da Pirâmide de Maslow foi apresentada na obra *Uma teoria da motivação humana* (1943) e até os dias atuais torna-se relevante dentro dos estudos da psicologia.



Fonte: (Silva, 2024, a partir da Teoria das Necessidades de Maslow)

Na convivência, durante o período de ocupação e posteriormente já com o Assentamento legalizado, o homem do campo acaba desenvolvendo ações conscientes de sustentabilidade.

Para Sousa *et alli* (2017), “sustentabilidade denota ‘característica ou condição do que é sustentável’, ou seja, o ‘que pode ser sustentado; passível de sustentação’, que por sua vez pode ser entendido como sendo o ‘ato ou efeito de conservar; conservação, manutenção’ da vida. É esta ação que norteia, com base na topofilia, a conservação do espaço ocupado e sua exploração ou cultivo consciente. Ainda para Souza *et alli* (2017), “A sustentabilidade dos assentamentos rurais não está restrita à produção de alimentos, mas também na formação de novos agentes sociais focados no crescimento socioeconômico, na participação social das decisões da comunidade”. Assim, a existência de 47 assentamentos rurais em Sergipe que trazem na sua motivação de batismo marcas da valorização da terra e da sustentabilidade mostra que é verdadeira a premissa segundo a qual a ação de sustentabilidade ambiental visa a multiplicação desta ação dentro do próprio movimento.

Análise do corpus

Para Silva (2024), fazem parte do Campo Motivacional da Topofilia (-fobia) “aqueles que preservam a denominação do nome do lugar tanto pela valorização da terra,

em virtude desta ter sido muito importante na sobrevivência.” (Silva, 2024, p.106). Conforme vimos, entre os 236 nomes de Assentamentos Rurais sergipanos, 75 pertencem a este Campo Motivacional, e destes, 44 fazem parte de um subgrupo motivacional, denominado Cultura e Topofilia.

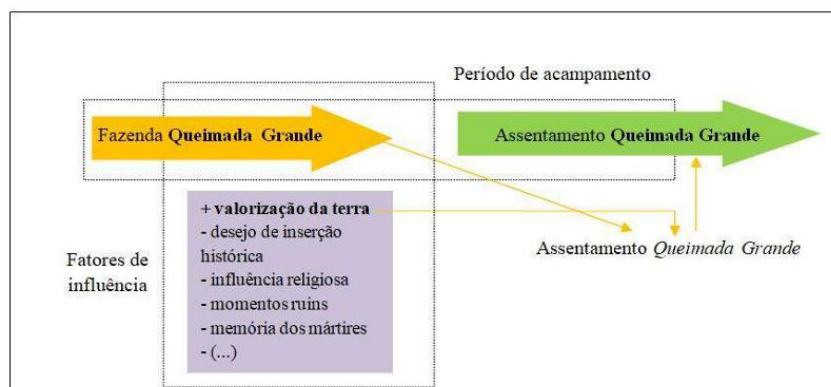
No quadro abaixo, trazemos os nomes dos Assentamentos Rurais que fazem parte do Campo Motivacional da Topofilia. Notemos que o primeiro subgrupo dentro deste grupo maior é formado pelos assentamentos que trazem no léxico uma ligação direta com as ações de sustentabilidade e valorização da terra.

De acordo com Silva (2024), os nomes dos Assentamentos Rurais em Sergipe que preservam o antigo nome da terra de origem – na maioria dos casos antigas fazendas improdutivas – se deve ao forte laço adquirido pelo posseiro no período de ocupação do lugar. Para comprovar esta postulação, como vimos, recorre à Teoria das Necessidades de Maslow.

Há ainda outro fator predominante que justifica a manutenção do nome antigo do lugar: um efeito mental que pende um braço de uma balança mental ideológica. Este conceito, também aproveitado da psicologia, faz relação às ações humanas motivadas por estímulos. Na convivência durante o período de ocupação de uma terra improdutiva, o agricultor experimenta alguns estímulos com base em ações que vivenciam: vê a chuva trazer a esperança de boa safra, observa o dia nascer e ter com o que se alimentar, sofre agressão por parte de pessoas pagas pelos proprietários das terras ocupadas ou mesmo pela força policial, entre outras. Notemos que as experiências são boas e ruins, mas que não apagam a relação maior com a terra, aquela que tirou o agricultor da miséria. Daí, a manutenção do nome do lugar. Contudo, se as experiências vividas são mais dolorosas do que prazerosas, é comum que o novo nome seja uma corruptela do nome anterior, em uma tentativa mental de criar um espaço novo.

Na ilustração abaixo, por exemplo, Silva (2024) ilustra o fato de a valorização da terra ser considerado fator preponderante frente a outros, na hora de nomear o assentamento, muito embora nem sempre tal fator seja de fato conhecido pelo posseiro. Ou seja, o batismo com a manutenção ou leve modificação do nome antigo do lugar pode ser uma ação inconsciente:

Figura 04 – Esquema de Formação Lexical do nome Assentamento Queimada Grande

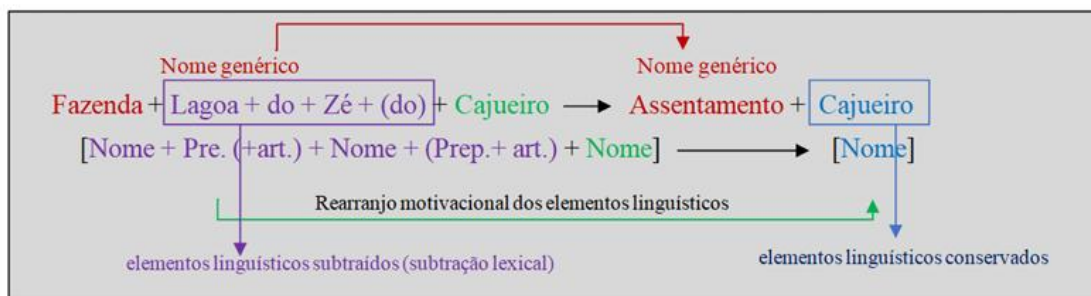


Fonte: Silva (2024)

Nesse exemplo, o Assentamento Queimada Grande, em Poço Redondo, surgiu nas terras da antiga Fazenda Queimada Grande. Nesse lugar, durante o período de ocupação, de acordo com Curado, Lopes e Santana (2008), muitas coisas ruins aconteceram, como a queimada de 150 barracos de lona por jagunços contratados pelo latifundiário dono da fazenda. Contudo, percebemos que na balança mental dos ocupantes desse lugar, a forte ligação com a terra foi preponderante para a manutenção do nome do lugar, embora tenham sofrido momentos ruins durante a ocupação.

Há, portanto, um subgrupo dentro do Campo Motivacional da Topofilia composto pelos Assentamentos Rurais que mantiveram o nome da antiga terra improdutiva. Estes podem ter o nome totalmente conservados ou levemente modificados, seja pelo acréscimo de palavras ao nome, como é o caso do Assentamento Nova Esperança (Fazenda Esperança), em Monte Alegre de Sergipe; ou pela subtração de palavras, como é o caso do Assentamento Cajueiro (Fazenda Lagoa do Zé Cajueiro), em Poço Redondo.

Observemos o esquema abaixo que mostra a transformação linguística ocorrida para o surgimento do nome Assentamento Cajueiro:



Fonte: (Silva, 2024)

Há nomes deste grupo que preservam em sua totalidade os nomes dos locais de origem, em razão de o grupo social que habitou este lugar passou mais por bons momentos que momentos ruins. Aqui, a agricultura de subsistência, bem como a preservação ambiental e sua sustentabilidade entraram como princípios norteadores das ações deste os primeiros anos da ocupação. O produto dessa forma de viver é observado no léxico denominativo do lugar, marcado pela manutenção do nome anterior, conforme podemos ver no quadro abaixo.

Quadro 02 – Assentamentos Rurais do Campo Motivacional da Cultura e da Topofilia: Preservação do nome da terra de origem

Nome do Lugar de Origem	Nome paralelo do Lugar de Origem	Nome do Assentamento Rural	Nome Paralelo do Assentamento Rural	Relação entre o nome de origem e o nome do assentamento
Fazenda Borda da Mata	n/e	PA Borda da Mata	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda São João Batista	n/e	PA São João Batista	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Três Cancelas	n/e	PA Três Cancelas	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Água Vermelha	n/e	PA Água Vermelha	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Sambambira	n/e	PA Sambambira	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Cuiabá	n/e	PA Cuiabá	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Mandacaru	n/e	PA Mandacaru	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Monte Santo	n/e	PA Monte Santo I	n/e	conservação total do nome de origem, com acréscimo do numeral distintivo

Fazenda Santa Maria	n/e	PA Santa Maria	Assentamento Sonho Novo	conservação total do nome de origem, com sobreposição do nome legal sobre o nome paralelo
Fazenda Santa Rita	n/e	PA Santa Rita	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Barra da Onça	n/e	PA Barra da Onça	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Pedras Grandes	n/e	PA Pedras Grandes	n/e	conservação total do nome de origem
Imóveis rurais do povoado Curralinhos	n/e	PA Curralinhos	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Santa Maria	Fazenda Queimada Grande	PA Queimada Grande	n/e	conservação total do nome de origem, com escolha pelo nome paralelo sobre o nome legal.
Fazenda Bom Jardim	n/e	PA Bom Jardim	n/e	conservação total do nome de origem
Sítio no povoado Ilha do Ouro	n/e	PA Ilha do Ouro	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Nova Esperança	n/e	PA Nova Esperança	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Fortaleza	n/e	PA Fortaleza	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda no povoado Caípe	n/e	PA Caípe	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Flor do Mucuri, Fazenda Salobro, Fazenda Bomfim e Fazenda Cassange	n/e	PA Flor do Mucuri	n/e	conservação total do nome de origem, com sobreposição do nome Flor do Mucuri sobre os nomes das demais fazendas que deram origem ao assentamento
Fazenda Sete Brejos	n/e	PA Sete Brejos	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Bela Vista	n/e	PA Bela Vista	n/e	conservação total do nome de origem

Fazenda Jacurici	n/e	PA Jacurici	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Santa Maria da Lage	n/e	PA Santa Maria da Lage	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Barroca Funda	n/e	PA Barroca Funda	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda São José do Nazaré	n/e	PA São José de Nazaré	n/e	conservação total do nome de origem, com mudança apenas na preposição: do > de
Fazenda Campo Alegre	n/e	PA Campo Alegre	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Caraíbas	n/e	PA Caraíbas	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Mocambo	n/e	PA Mocambo	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Sol Nascente	n/e	PA Sol Nascente	n/e	conservação total do nome de origem
Fazenda Flor da Serra	n/e	PA Flor da Serra	n/e	conservação total do nome de origem
Localidade Caldeirão	n/e	PA Caldeirão	n/e	conservação total do nome de origem
Terras improdutivas às margens do Rio Vaza-Barris	n/e	PA Vaza Barris	n/e	conservação total do nome de origem
Localidade Palmeiras	n/e	PCA Palmeiras	n/e	conservação total do nome de origem
Localidade Mangabeira	n/e	PA Mangabeira	n/e	conservação total do nome de origem
Localidade Rita Cacete	n/e	PA Rita Cacete	n/e	conservação total do nome de origem
Localidade Tapera do Nico	n/e	PA Tapera	n/e	conservação total do nome de origem, com subtração da expressão <i>do Nico</i>

Localidade Estrada do Crioulo/da Cabocla	n/e	PA Cabocla	n/e	conservação total do nome de origem
--	-----	------------	-----	-------------------------------------

Fonte: Silva (2024)

Essa característica *sui generis* também pode ser observada do ponto de vista morfológico, uma vez que ao desmembrar os nomes dos assentamentos em partes (palavras), observamos que os mesmos elementos que compõem o nome da terra de origem se mantêm no nome do assentamento, sendo a única mudança a troca do termo genérico que indica a natureza do lugar (*fazenda*, por exemplo) pelo termo genérico indicativo da transformação do espaço (*a fazenda*, por exemplo, se transforma em *assentamento* – mudança no léxico e mudança geográfico-espacial. O quadro abaixo ilustra essa permanência.

Quadro 03 – Estrutura Morfológica dos Nomes dos Assentamentos Rurais de Sergipe do Campo Motivacional da Cultura e da Topofilia.

Nome do Assentamento Rural	Estrutura Morfológica dos Nomes	Estrutura Nominal (Desconsiderando a Sigla)
PA Borda da Mata	Sigla (PA) + nome (Borda) + preposição (de) + nome (Mata)	Composto
PA São João Batista	Sigla (PA) + Adj (São) + nome (João) + Adj (Batista)	Composto
PA Três Cancelas	Sigla (PA) + numeral (Três) + nome (Canelas)	Composto
PA Água Vermelha	Sigla (PA) + nome (Água) + Adjetivo (Vermelha)	Composto
PA Sambambira	Sigla (PA) + nome (Sambambira)	Simple
PA Cuiabá	Sigla (PA) + nome (Cuiabá)	Simple
PA Mandacaru	Sigla (PA) + nome (Mandacaru)	Simple
PA Monte Santo I	Sigla (PA) + nome (Monte) + Adjetivo (Santo) + numeral romano (I)	Composto
PA Santa Maria	Sigla (PA) + Adjetivo (Santa) + nome (Maria)	Composto

PA Santa Rita	Sigla (PA) + Adjetivo (Santa) + nome (Rita)	Composto
PA Barra da Onça	Sigla (PA) + nome (Barra) + prep. (da) + nome (onça)	Composto
PA Pedras Grandes	Sigla (PA) + nome (Pedras) + Adjetivo (Grandes)	Composto
PA Curralinhos	Sigla (PA) + nome (Curral) + sufixo (-inhos)	Simples
PA Queimada Grande	Sigla (PA) + nome (Queimada) + Adjetivo (Grande)	Composto
PA Bom Jardim	Sigla (PA) + Adjetivo (Bom) + nome (Jardim)	Composto
PA Ilha do Ouro	Sigla (PA) + nome (Ilha) + prep. (do) + nome (Ouro)	Composto
PA Nova Esperança	Sigla (PA) + Adjetivo (Nova) + nome (Esperança)	Composto
PA Fortaleza	Sigla (PA) + nome (Fortaleza)	Simples
PA Caípe	Sigla (PA) + nome (Caípe)	Simples
PA Flor do Mucuri	Sigla (PA) + nome (Flor) + prep. (do) + nome (Mucuri)	Composto
PA Sete Brejos	Sigla (PA) + numeral (Sete) + nome (Brejos)	Composto
PA Bela Vista	Sigla (PA) + Adjetivo (Bela) + nome (Vista)	Composto
PA Jacurici	Sigla (PA) + nome (Jacurici)	Simples
PA Santa Maria da Lage	Sigla (PA) + adj. (Santa) + nome (Maria) + prep. (da) + nome (Lage)	Composto
PA Barroca Funda	Sigla (PA) + Nome (Barroca) + Adjetivo (Funda)	Composto
PA São José de Nazaré	Sigla (PA) + Adj. (São) + nome (José) + prep. (de) + nome (Nazaré)	Composto
PA Campo Alegre	Sigla (PA) + nome (Campo) + adjetivo (Alegre)	Composto

Fonte: Silva (2024)

Há, entre eles, os que têm como característica *sui generis* a modificação parcial do nome de origem do lugar. Contudo, como a modificação não é total, Silva (2024)

acredita que na balança mental ideológica estão envolvidos os mesmos fatores dos nomes acima, mas que os momentos ruins vivenciados nesses lugares podem ter sido considerados quando da escolha do nome do lugar. É válido acrescentar que a deliberação para a escolha do nome do assentamento, segundo Silva (2024), se dá em assembleias com os membros do MST de determinada ocupação. A necessidade do uso da Teoria da Pirâmide de Maslow em nossa análise portanto torna-se mais uma vez útil para percebermos que as decisões tomadas nessas assembleias têm motivos inconscientes, recuperados aqui pelo estudo dos conceitos de topofilia e topofobia.

Abaixo trazemos os nomes dos assentamentos que preservam parcialmente o nome da terra de origem.

Quadro 04 – Assentamentos Rurais de Sergipe do Campo Motivacional da Cultura e Topofilia (Grupo 02)

Nome do Lugar de Origem	Nome paralelo do Lugar de Origem	Nome do Assentamento Rural	Nome Paralelo do Assentamento Rural
Fazenda Bela Vista	n/e	PE Colônia Agrícola Alto da Bela Vista	n/e
Fazenda da Barriguda	n/e	PE Colônia Agrícola Morro da Barriguda	n/e
Fazenda Terra da Cachoeirinha	Fazenda Cachoeirinha	PA Cachoeirinha	n/e
Fazenda Alegria	n/e	PA Nova Alegria	n/e
Fazenda Esperança	n/e	PA Nova Esperança II	n/e
Fazenda Lagoa Grande	n/e	PA Especial Lagoa Grande	n/e
Fazenda São Roque	n/e	PA Vitória de São Roque	n/e
Fazenda Lagoa do Zé Cajueiro	n/e	PA Cajueiro	n/e
Fazenda Santana do Cruiiri	n/e	PA Cruiiri	Assentamento Nova Cruiiri

Fonte: Silva (2024)

Da mesma forma, a manutenção de partes do nome de origem do lugar pode ser ilustrada de forma mais ampla quando estudamos os elementos morfológicos que compõem esses nomes. Assim, temos uma visão geral de termos que foram acrescentados ou termos que foram subtraídos do processo mental de escolha lexical para a denominação desses lugares. Essa característica pode ser observada no quadro abaixo:

Quadro 05 – Formação Lexical dos Nomes dos Assentamentos Rurais em Sergipe: Campo Motivacional da Cultura e da Topofilia (Grupo 02)

Nome do Lugar de Origem (- Fazenda)	Nome do Assentamento (- Assentamento)	Acréscimo	Subtração
Adj. (Bela) + nome (Vista)	Nome (Alto) + prep. (da) + adj. (Bela) + nome (Vista)	+ Alto +da	-
Prep. (da) + nome (Barriguda)	Nome (Morro) + prep. (da) + + nome (Barriguda)	+ Morro	-
Nome (Terra) + Prep. (da) + nome (Cachoeira) + sufixo (inha)	Nome (Cachoeira) + sufixo (-inha)	-	- Terra - da
Nome (Alegria)	Adjetivo (Nova) + nome (Alegria)	+ Nova	-
Nome (Esperança)	Adjetivo (Nova) + nome (Esperança) + numeral romano (II)	+ Nova	-
Nome (Lagoa) + Adj (Grande)	Adjetivo (Especial) + nome (Lagoa) + adj. (Grande)	+ Especial	-
Adj. (São) + nome (Roque)	Nome (Vitória) + prep. (de) + adj. (São) + nome (Roque)	+ Vitória +de	-
Nome (Lagoa) + prep. (do) + nome abreviado (Zé) + nome (Cajueiro)	Nome (Cajueiro)	-	- Lagoa - do - Zé
Nome (Santana) + prep. (do) + nome (Cruiri)	Nome (Cajueiro)	-	- Santana - do

Fonte: Silva (2024)

Expostos dessa forma, podemos notar os elementos que compõem o nome do lugar (nome do antigo lugar e nome do assentamento, nas primeira e segunda colunas), bem como aqueles que foram acrescentados ou subtraídos, marcados pelos símbolos + e -, na terceira e quarta colunas e entender como se manifesta no léxico esta característica peculiar aos nomes dos assentamentos rurais em Sergipe. É válido ainda salientar que esta característica não é encontrada apenas em assentamentos rurais que fazem parte do Estado de Sergipe.

Considerações Finais

Tradicionalmente, a Toponímia se debruça pelo estudo dos nomes dos lugares, tendo como ponto de partida o léxico para a análise de sua constituição. Há, contudo, nomes que apenas pela observação do léxico pode levar a interpretações equivocadas das

motivações para o batismo de um lugar. Para resolver este dilema, nas últimas décadas tem emergido dentro dos estudos toponímicos análises de base crítica – Toponímia Crítica – que tem como finalidade analisar o interior dos nomes dos lugares tendo como ponto de partida a sócio-história de formação desses nomes.

Entre os nomes de lugares que necessitam de uma análise de base crítica estão os nomes de Assentamentos Rurais em Sergipe. Estudados por Silva (2024), esses lugares foram agrupados em três Campos Motivacionais: Campo Motivacional da Topofilia, que trazem, no léxico, marcas da valorização da terra de origem do assentamento; Campo Motivacional da Memória e da Identidade, que trazem, no léxico, marcas de uma necessidade de inserção histórica; e Campo Motivacional da Religiosidade e da Fé, que trazem, no léxico, marcas da influência das religiosidades sociais na denominação dos lugares. Este artigo se debruçou sobre o primeiro grupo, que por sua vez pode ser ramificado em outros grupos, dos quais um subgrupo foi escolhido para ser melhor analisado – o Campo Motivacional da Cultura e da Topofilia, formado por nomes de assentamentos rurais que mantêm o nome total ou parcial da terra de origem. Analisamos os motivos que levam este agrupamento humano a manter o antigo nome da terra improdutiva de origem, seja de forma total ou parcial, e observamos que alguns fatores pesam na decisão dos membros desses lugares quando da escolha dos nomes do assentamento feita em assembleias deliberativas: a topofilia, a topofobia, a valorização da terra, a cultura de subsistência, e a cultura de sustentabilidade.

Recebido em: 10 /07/2024

Aprovado em: 10/12/2024

Publicado em: 03/01/2025

Referências

Alderman, D. H. (2002). *Street Names as Memorial Arenas: The Reputational Politics of Commemorating Martin Luther King Jr. in a Georgia County*. In: *Historical Geography* 30, p. 99-120.

Alderman, D. H. (2008). *Place, Naming, and the Interpretation of Cultural Landscapes*. In: *The Ashgate Research Companion to Heritage and Identity*. Graham, B. e Howard, P. (ed.). Ashgate Press, p. 195-213.

Berg, L.; Vuolteenaho, J. (ed.). (2009). *Critical Toponymies: The Contested Politics of Place Naming*. Farnham (UK): Ashgate.

Candau, Joël (2021). *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto.

Carvalhinhos, Patricia de Jesus (2011). *Aplicações da teoria dos signos na Onomástica*. Língua e Literatura (USP), v. 27, p. 299-309.

Carvalhinhos, Patricia (2003). *Onomástica e lexicologia: o léxico toponímico como catalisador e fundo de memória*. Estudo de caso: os sociotopônimos de Aveiro (Portugal). Revista USP, São Paulo, n. 56, p. 172-179.

Chave, Cristine (2022). *Rituais da Mística: a mística do MST e as aporias da ação coletiva*. Revista de Antropologia, v. 65, n. 3.

Claval, Paul (2007). *A Geografia Cultural*. Florianópolis: Ed. da UFSC. CGU, Relatório de Auditoria. *Fazendas Desapropriadas da SR 23*, Sergipe. Disponível em: Início - Portal da transparência (portaldatransparencia.gov.br). Acesso em 20 de setembro de 2022.

Daniel, Camilo Feitosa (2018). *As transformações do mundo do trabalho camponês no alto sertão sergipano e as estratégias de reprodução camponesa*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe), São Paulo, UNESP.

DATALUTA, Banco de Dados da luta pela terra. Relatório 2005-2020. Disponível em: <https://www.fct.unesp.br/#!/pesquisa/dataluta/periodicos-dataluta/relatorio-dataluta/brasil/>. Último acesso em 20 de julho de 2023.

Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1998). *Os nomes como marcadores ideológicos*. In: Acta Semiótica et Lingüística -SBPL. São Paulo: Plêiade, v. 7.

Dick, Maria Vicentina de Paula do Amaral (1990). *Motivação Toponímica e a Realidade Brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado.

DOU, Diário Oficial da União. Ministério do Desenvolvimento Agrário (2002). n.79, 25 de abril de 2002.

Faggion, Carmen Maria *et al.* (2013). *Ideologias no ato de nomear revelando mudanças nas relações de poder de uma sociedade*. Revista Entreletras, vol. 4, n. 2, p. 10-30, agosto.

Furtado, Sebastião da Silva (1957). *Toponímia e Cartografia*. Curso de Formação de Topógrafos, Rio de Janeiro.

Gil, Antonio Carlos (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas.

Gil, Beatriz D *et al.* (2009). *Modelos de análise linguística*. São Paulo: Contexto.

Isquierdo, Aparecida Negri (1997). *A toponímia como signo de representação de uma realidade*. Revista História, UFMS, v.1, n.2, p. 27-46, julho-dezembro.

Isquierdo, A. N.; Dargel, A. P. T. P. (2017). *Toponímia urbana: um estudo de caso a partir de dados do ATEMS*. Apresentação oral no XI ENGTLEX. Salvador. Slides disponibilizados pelas autoras.

Lagares, Xoan Carlos (2018). *Qual política Linguística? desafios glotopolíticos contemporâneos*. São Paulo: Parábola editorial.

Le goff, Jacques (2013). *História e memória*. 7. ed. Campinas: Editora da Unicamp.

Light,Duncan; Young,Craig(2015) Toponymy as Commodity: exploring the economic dimensions of urban place names. *International Journal of Urban and Regional Research*.v. 19, n. 3, p. 435-450, maio.

Light, Duncan *et al.* (2002). Toponymy and the Communist City: Street Names in Bucharest, 1948-965. *Geo-Journal* v. 56, n. 2, p. 135-144.

Lopes, Eliano Sérgio Azevedo (2007). Um balanço da luta pela terra em Sergipe - 1985/2005. *Revista Scientia Plena*, v. 3, n. 1.

Marés, Carlos Frederico (2003). *A Função Social da Terra*. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor.

Maslow, A. H. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50(4), 370-396. <https://doi.org/10.1037/h0054346>

Neto, Adauto Guedes (2014). *Teologia da Enxada e ditadura militar: relações de poder e fé no Agreste Pernambucano entre 1964-1985*. Jundiaí: Paco Editorial.

Neto, Antônio Julio Menezes (2007). A Igreja Católica e os Movimentos Sociais do Campo: a Teologia da Libertação e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. *Caderno CRH*, Salvador, BA, v.20, n.50, p.331-341, maio-agosto.

Netto, Sebastião L. P. V. (2011). Memória histórica na toponímia das lutas sociais da história recente latino-americana. In: *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História, AN-PUH*, São Paulo, julho.

Netto, Sebastião L. P. V. (2018). “*Cuidar la vida es cuidar la memoria*”: toponímia rebelde dos movimentos sociais latino-americanos. *Revista Debates insubmissos*, Caruaru, PE, v.1, n.1, janeiro -abril.

Paiva, Vera Lucia Menezes de O. (2019). *Manual de Pesquisa em estudos linguísticos*. São Paulo: Parábola editorial.

Pollak, Michael (1989). *Memória, esquecimento, silêncio*. Trad. Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-5.

Rose-Redwood,Reuben;Alderman,Derek (2011). Critical interventions in political toponymy. *ACME: An International E-Journal for Critical Geographies*, v. 10, n. 1, p. 1-6.

Rose-Redwood, Reuben *et al*(2010). Geographies of Toponymic Inscription: New Directions in Critical Place-Name Studies. In: *Progress in Human Geography* v. 34, n. 4, p.453-470.Disp. em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0309132509351042>.

Acesso em: 16 ago. 2022.

Rossi, Paolo (2010). *O passado, a memória, o esquecimento: seis ensaios da história das ideias*. São Paulo: editora UNESP.

Santos, Cezar A. N. dos (2019). *Toponímia em Sergipe: descrição e análise*. 2019. 349f. Tese (Doutorado em Linguística Histórica) - Universidade Federal da Bahia, Bahia.

Seabra, M. Candida Trindade Costa de (2006). Referência e Onomástica. In: MAGALHÃES, J. S. de; TRAVAGLIA, L. C. (Org.). *Múltiplas perspectivas em linguística: Anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, p. 1953-1960.

Seabra, M. Candida Trindade Costa de (2016). Variação e mudança linguística de topônimos. In: COSTA, Daniela de Souza Silva; BENÇAL, Dayme Rosane. *Nos caminhos do léxico*. Campo Grande: EDUFMS, p. 137-154.

Silva, Robson Santos (2024). *A toponímia dos assentamentos rurais em Sergipe: denominação, memória e identidade*. 225f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe. [ROBSON SANTOS SILVA.pdf](#). Acesso em 03, jan., 2025.

Tuan, Yu-fu (2012). *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Londrina: EdUel.

Vuolteenaho, Jani; Berg, Lawrence D. (2016). Towards Critical Toponymies. In: BERG, Lawrence D.; VUOLTEENAHO, Jani. *Critical Toponymies: the contested politics of place naming*. New York: Routledge.

Zanatta, Yuri Potrich *et al.* (2022). Toponímia, simbolismo e poder: estudo do nome dos municípios do norte do Rio Grande do Sul. *Caderno de Geografia*, v. 32, n. 68, p. 324-347.